

## Sumário

Prefácio – Ensaios para experienciar a multiplicidade amazônica	15
Introdução	
Embarque	19
Os tecelões e as tramas	21
Teares ensaísticos: cartografia das representações	24
Ensaísmo e região – Modernidade e colonialidade na representação espacial	29
Ensaios da questão amazônica	34
Nas linhas de força do ensaísmo: modernidade e colonialidade	52
José Veríssimo – Cenas de uma Amazônia mestiça	65
Euclides da Cunha – Amazônia: um paraíso perdido à margem da história	97
Leandro Tocantins – Uma interpretação fluvial da Amazônia	127
Eidorfe Moreira – Uma concepção geográfica da Amazônia	153
Conclusão – Desembarque	181
Referências	189



## Prefácio

# Ensaio para experienciar a multiplicidade amazônica

Edir, geógrafo e poeta (ou poeta e geógrafo), é desses raros estudiosos dotados de sensibilidade suficientemente densa para que nunca almeje o equívoco de, separando domínios, ser chamado simplesmente de “intelectual”. Seu pensamento, como ele próprio, “descolonializa”, pois brota da terra, da *sua* terra tocantino-amazônica, e é um pensar que jamais se dissocia da vida, de uma vida ribeirinho-camponesa que representa ao mesmo tempo *um* universo e o conjunto de universalidades que ele permite conceber. É justamente pensando sua origem à beira da imensidão circunscrita do baixo Tocantins, pretensamente domado pela represa de Tucuruí, que o percebo refletindo a Amazônia e, mais do que isso, pela leitura desses “ensaios” (de José Veríssimo a Euclides da Cunha, de Leandro Tocantins a Eidorfe Moreira), proporcionando-nos experienciar uma Amazônia múltipla, muito além dos estereótipos simplificadores que nos legaram (e continuam nos legando) do binômio rio-floresta, ou do trinômio rio-floresta-índio (em que este é reduzido a uma figura da natureza).

Através dessa Amazônia espessa, profunda, constante reafirmadora de verdades, refletimos sobre um imaginário que mescla tempos e espaços múltiplos, local(idades) e global(idades) intimamente imbricado(a)s – seja pela colonialidade hegemônica de um superpoder, seja pela subalternidade irreverente de um viver-contrapoder. Edir, como a própria floresta, portentosa, que oculta caminhos, carrega na mansidão a sua constante irreverência. Quando parecemos comedidos, ele nos convoca a desafiar os pensamentos consolidados. Questiona. Problematisa e desconfia dos consensos. Às vezes parece exagerar, mas seria um exagero denso, fruto de uma vida que lhe ensinou a tecer caminho na

encruzilhada dos confrontos. Edir não é um homem de limites, mas é um homem *da* fronteira. Ou, então, para ele, o “limite” não é o lócus de uma finalização, mas de um constante recomeço (como discutíamos outro dia sobre um texto de Heidegger). Daí a leitura com que nos brinda, aqui, dos “ensaios” de expressão amazônida – escritos que, mesmo com um olhar de fora (como no caso de Euclides) e numa linguagem com maior ou menor carga literária, sugerem sempre mergulhos com anseios de exatidão e verdade.

Edir se propôs aqui uma viagem, uma longa e complexa viagem pela Amazônia – mas não pela Amazônia crua da paisagem-morfologia de um tempo repetitivo da natureza e de um espaço de mesmos, imensos, horizontes. O horizonte amazônico escolhido por ele é completamente outro. Primeiro, porque nada tem a ver com a simples morfologia da paisagem. Desdobra-se por mil outros signos e representações, vertentes de novas experimentações, “ensaios”. Mergulha nas profundezas dos rios e da floresta, ajudando a decifrar seus enigmas, moldados por diversos imaginários sobrepostos, interpostos, contrapostos ao dos tantos grupos indígenas e ribeirinhos, ao dos colonizadores e colonizados, ao de hegemônicos e subalternizados.

Como ele bem adverte no começo, ensaios “traduzem e performatizam momentos da disputa pelos significados da Amazônia”. Inspirado em Foucault, lembra que o discurso e as representações não são simples mediações ou veículos nesse campo de luta, mas constituem o próprio objeto em disputa. “Lutas de representação”, portanto, que são inerentes ao processo conflitivo de todas as relações de poder. Por isso sua opção pela marca da (des)colonialidade. É preciso desconstruir esses discursos a partir de seu próprio lócus de enunciação, a região Amazônica sendo vista ao mesmo tempo como um espaço concreto e um campo litigioso de forças – no qual uma das principais é justamente a daqueles que têm o poder de instituir um discurso “verdadeiro” sobre a região. Mas o ensaio – e aí esta sua especificidade – não visa simplesmente construir *uma* verdade. Ele também se permite títubear, “ambivaler”, e se joga no fluxo complexo da vida, que, ao mesmo tempo que “ensaia” uma interpretação, institui outra(s).

A geograficidade do ensaio, tal como abordada por Edir, é constituidora do próprio espaço que diz representar – e mais ainda na leitura geográfica inovadora de Eidorfe Moreira, esse geógrafo paraense pouco conhecido, que o trabalho de Edir também ajuda a recolocar no seu devido destaque.

Entre idas e vindas, simultâneas, para “frente” (“[neo]desenvolvimentismo?”) e para “trás” (“[neo]comunitarismo?”), a Amazônia se move em várias direções e, ao mesmo tempo que se conjuga em torno de imagens e projetos comuns, se fragmenta. Porque nunca houve uma só Amazônia (nosso colega Carlos Walter Porto-Gonçalves que o diga). Leandro Tocantins até almeja uma totalidade “como complexo sociocultural”, um cadinho espaço-temporal. “Veríssimo, Cunha, Tocantins e Moreira”, dirá Edir, “expressam apenas nomes numa vasta rede discursiva e de poder ampla e complexa em que as representações espaciais da Amazônia brasileira se tecem num agitado espaço de disputa de significados”. Assim, “a diferença colonial da Amazônia, seu imaginário, é reconfigurada no horizonte do imaginário moderno-colonial”. Essa reconfiguração tem múltiplas faces, “mas a colonialidade do poder e a colonialidade do saber ainda marcam decisivamente as representações espaciais que constituem o enunciado Amazônia: como um lócus diferencial de enunciação e escala narrativa da nação, com seus espaços de referências e com seus símbolos espaciais”.

Que este *Ensaio de Amazônia*: representações espaciais da região no ensaísmo brasileiro nos permita, muito mais do que discutir “narrativas”, “discursos” ou “representações espaciais”, experienciar, efetivamente, a multiplicidade de possibilidades colocadas hoje pela realidade amazônida, aberta, apesar de tudo, ainda, à apropriação múltipla, como são as próprias nações, línguas e identidades indígenas que, em meio a tantas ameaças, ainda resistem, re-compondo e re-afirmando a sua rica diversidade.

Rogério Haesbaert



# Introdução

## Embarque

*Aturdia-me a tétrica miragem  
De que, naquele instante, no Amazonas,  
Fedia, entregue a vísceras gluttonas,  
A carcaça esquecida de um selvagem.  
A civilização entrou na taba  
Em que ele estava. O gênio de Colombo  
Manchou de opróbrios a alma do mazombo  
Cuspiu na cova do morubixaba  
E o índio, por fim, adstrito à étnica escória,  
Recebeu, tendo o horror no rosto impresso,  
Esse achincalhamento do progresso  
Que o anulava na crítica da História!  
Como quem analisa um apostema,  
De repente, acordando na desgraça,  
Viu toda a podridão da sua raça  
Na tumba de Iracema!  
(ANJOS, 1994)*

Ler a Amazônia a partir de ensaios é ler a Amazônia como um ensaio. Um ensaio de significações imaginárias que reben-tam nas ribanceiras do tempo-espço com os fluxos das repre-sentações. O discurso dos ensaios, no entanto, não constitui um rio-mar tranquilo de produção e reprodução dos sentidos sociais que historicamente demarcam a diferença geográfica da Amazônia. Como todo discurso, “sua produção é inteiramente infiltrada por relações de poder” (FOUCAULT, 2006, p. 69). Os ensaios traduzem e performatizam momentos da disputa pelos significados da Amazônia. Uma das relevantes contribuições de

Foucault é mostrar que “o discurso não é somente aquilo que traduz a luta ou o sistema de dominação, mas aquilo pelo qual se travam as lutas” (SAID, 2002, p. 97). Essas lutas de representações são, portanto, constitutivas das relações de poder, que no Brasil são marcadas pela Colonialidade (QUIJANO, 2005; 2010; MIGNOLO, 2003a; 2010; RESTREPO; MARTÍNEZ, 2010). A região é um espaço de litigantes, antagonistas, linhas de forças que segmentam o espaço (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001).

Os “ensaios brasileiros de expressão amazônica”,<sup>1</sup> como uma formação discursiva (RAWICZ, 2003), constituem um sistema de representação (HALL, 1997c; 2003), um espaço em que se travam as lutas pelos significados da Amazônia, a partir da virada do século XIX até meados do século XX. Os ensaios constituem os lugares das disputas sociais pela classificação válida e legítima, pela definição da verdade, definição do que pode ser visto e dito, de que maneira, quando e por quem, sobre a Amazônia. As lutas de classificação envolvem a di-visão espacial pela qual se define a região a partir dos sistemas de representação do espaço nacional (BOURDIEU, 2003).

Do fim do século XIX a meados do século XX, os ensaios participam das tensões, conflitos, lutas e curvaturas de representações da Amazônia. Curvaturas porque não há necessariamente um rompimento efetivo dos ensaístas com as representações colonialistas eurocentradas.<sup>2</sup> Na trama constitutiva dos ensaios, a tensão se apresenta em termos das representações do espaço amazônico (a Amazônia concebida), que vêm se tecendo desde a “conquista” nos relatos de viajantes, missionários, exploradores, naturalistas etc. – as representações coloniais –, e do espaço das representações (a Amazônia vivida), em particular dos ensaístas amazônidas com as práticas espaciais.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Fernandes (2004) diz que Paulo Nunes assim se refere à literatura produzida por autores da/na região – literatura brasileira de expressão amazônica.

<sup>2</sup> Veríssimo, como veremos, fez algumas críticas à ação colonizadora portuguesa, mas defendeu a inserção do ameríndio no concerto do mundo civilizado. Assim, o índio amazônida possuía a mesma natureza do europeu, mas em um grau diferente de desenvolvimento histórico, de evolução.

<sup>3</sup> Referimo-nos aos conceitos construídos por Lefebvre (2000) de representações do espaço (espaço concebido), espaço das representações (espaço vivido) e práticas espaciais (espaço percebido).



O ensaio, como forma discursiva, atravessa e é atravessado, relativamente, por esses confrontos, tanto na forma da escrita quanto no tratamento das temáticas. A tensão também se estabelece entre o Ensaísmo e outras formas de discursos, como o da Literatura romântica – romantismo –, para o qual o Ensaísmo se apresenta como “realista”, e as representações das ciências parcelares instituídas, como os campos específicos de conhecimento sistemático, universal, rigoroso e imparcial, ou seja, deslocalizado e descorporizado. Ainda que o ensaio não se contraponha à ciência moderna/colonial, ou a negue, apresenta-se sempre “contaminado” pela subjetividade e pela imaginação poética dos autores.

## Os tecelões e as tramas

Para abordarmos o papel do ensaio brasileiro de expressão amazônica na construção e disputa de significações sociais do espaço amazônico, selecionamos ensaios de quatro intelectuais: o carioca Euclides da Cunha e os paraenses José Veríssimo, Leandro Tocantins e Eidorfe Moreira. Estes representam dois momentos e movimentos distintos e importantes na “geopolítica do conhecimento” (MIGNOLO, 2003) em relação ao espaço amazônico brasileiro, principalmente no modo de representação espacial da Amazônia.

José Veríssimo e Euclides da Cunha<sup>4</sup> constituem um primeiro momento do ensaísmo brasileiro de representação espacial da Amazônia (construindo suas obras do fim do século XIX até por volta de 1930), ainda marcados pelo paradigma determinista, sendo contemporâneos do período das grandes transformações promovidas pela economia da borracha – sobre as quais se debruçam para interpretar. Pertencem à chamada “geração de 1870”, que representa um dos grupos mais importantes para a cristalização da ideia de nação no Brasil, sendo também “a responsável pela disseminação das idéias positivistas e evolucionistas no Brasil, idéias que forneceram a base para os debates intelectuais

---

<sup>4</sup> Euclides da Cunha e José Veríssimo não foram apenas contemporâneos, mas amigos, interlocutores. Veríssimo foi uma das figuras responsáveis pela viagem de Euclides da Cunha à Amazônia (LIMA, 2012), bem como um dos destinatários das cartas que Cunha escreveu delá/daqui.

da época, sobre *raça e meio geográfico*”, reagindo contra as chamadas “brumas do Romantismo” (MADEIRA; VELOSO, 1999, p. 54; 75). Assim, os ensaios de Veríssimo e Cunha são marcados pela contraposição nacionalismo e regionalismo, pela busca da brasilidade no “interior”, ao qual e do qual dirigem seu olhar – orientados pela perspectiva positivista e evolucionista da ciência – a uma Amazônia como espaço-objeto de realização da nação e da civilização.

José Veríssimo, nativo da região, e Euclides da Cunha, com um olhar do Sudeste – amigos e membros da Academia Brasileira de Letras – desenvolvem um olhar sobre a Amazônia em seus ensaios, cujas nuances procuram aprender a partir das representações espaciais e dos espaços de representação (LEFEBVRE, 2000). A Amazônia, em seus ensaios, passa a configurar um espaço brasileiro diferencial: uma região.

Leandro Tocantins e Eidorfe Moreira, em suas obras, constituem um segundo momento do ensaísmo brasileiro amazônico, a partir de 1950, marcado pela influência das ciências sociais. Tocantins, mais marcado pela Sociologia, Antropologia e História, através da obra de Gilberto Freyre, e Moreira pela Geografia – que ele considerava muito mais que uma ciência analítica, chegando a tentar formular uma “concepção geográfica da vida” (MOREIRA, 1989, v. 2). Portanto, seus ensaios se desenhavam a partir do paradigma da ciência moderna em processo de institucionalização no Brasil e na Amazônia, através das universidades. É o período em que o Estado ensaia suas primeiras políticas para a região, sua primeira definição e delimitação oficial da Amazônia como região, nas quais ambos tomam parte direta ou indiretamente. Nesse momento há um forte regionalismo que se define a partir e dentro de discursos, práticas e políticas defendidas por intelectuais da região.

Selecionamos as obras mais representativas de cada autor sobre a Amazônia. De José Veríssimo, o livro *Estudos amazônicos* (1970), o qual reúne seus ensaios sobre a região, publicados em jornais e revistas do Pará e do Rio de Janeiro, entre 1898 e 1915; de Euclides da Cunha, o livro *À margem da História*, publicado em 1909, depois da morte do autor; de Leandro Tocantins, *O rio*

*comanda a vida*, sua obra mais conhecida, publicada em 1950; de Eidorfe Moreira, o livro *Amazônia: o conceito e a paisagem*, publicado em 1960 pela Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA).

Os textos de Veríssimo e Cunha se caracterizam por terem sido publicados inicialmente em periódicos e depois reunidos em livros. Cunha tinha um plano de publicar um livro sobre a Amazônia, “um segundo livro vingador”, de acordo com ele, depois de *Os sertões*, que o consagrou, no qual pretendia pôr o título de *Um paraíso perdido*, pois a Amazônia lhe recordava a definição do espaço de Milton: esconde-se a si mesma (CUNHA, 1998, p. 31). Parte das técnicas de escrita que usou para escrever *Os sertões* também utilizou nos textos que deixou sobre a Amazônia, principalmente a referência a autores de campos diversos da ciência e a incorporação de termos e expressões regionais de uso popular.

O estilo de Veríssimo não se compara ao de Cunha, é muito mais econômico, e também centra sua análise no problema da mestiçagem do homem amazônico e nos problemas econômicos da região. Ambos, no entanto, compartilham os *dispositivos de sentidos* do regime de representação colonialista e utilizam as categorias de classificação por meio das quais opera o regime de representações moderno-colonial da Amazônia: a raça, o meio e a civilização.

Os textos de Tocantins e Moreira foram publicados na forma de livro, obras com unidade e coesão muito maiores, pois respondem a um plano geral, visam abarcar e definir a região em sua totalidade. Tocantins escreve *O rio comanda a vida*, aos 22 anos de idade, quando cursava a Faculdade de Direito no Rio de Janeiro, como filho intelectual de Gilberto Freyre e filho político de Getúlio Vargas. Seu livro tem um caráter panorâmico, mas também procura combinar análises científicas com descrições literárias, às vezes ao estilo de Euclides da Cunha, de quem era admirador.

Já o livro de Moreira insere-se em outras condições de produção do discurso sobre a Amazônia, com um estilo mais acadêmico ou “científico”. O tema/objeto Amazônia é tratado com a

sistematicidade da Geografia clássica, separando-se os aspectos econômicos, políticos, naturais e humanos. As incursões retrospectivas pela História são menos frequentes e a linguagem literária é praticamente ausente, ainda que valorize as obras literárias como fonte para o estudo geográfico. Portanto, os dispositivos de sentido utilizados pelo autor usam, em geral, conceitos da Geografia e da Sociologia, envolvem outras categorias: a natureza, o homem, a cultura e o desenvolvimento.

## Teares ensaísticos: cartografia das representações

Como não pretendemos focar elementos centrados na individualidade e nas situações mais específicas dos autores, mas um processo de longo alcance em que se constituem as representações espaciais da Amazônia brasileira, adotamos como procedimento de análise, ou “protocolo de leitura” (DERRIDA apud NASCIMENTO, 2001)<sup>5</sup> dos ensaios – e tão somente uma leitura, vale enfatizar – a cartografia de representação do espaço amazônico que estes traçam e tecem.

Utilizamos manter o termo cartografia para nos referirmos às representações espaciais dos ensaios de expressão amazônica, como uma metáfora-metodológica que permite desdobrar análises das representações espaciais desses ensaios tal como são construídos, lidos e usados os mapas, que são um tipo particular de representação do espaço. São cartografias de representações da geopolítica do conhecimento em que está envolvido o espaço amazônico. O termo cartografia, neste sentido, enfatiza o poder das representações espaciais, ou seja, permite-nos apreender as articulações entre representação, poder e espaço nos discursos ensaísticos. “A palavra não é coisa. É um mapa que podemos utilizar para exploração do mundo”.<sup>6</sup> Escrever é cartografar (DELEUZE, 2002).

A análise dos ensaios, na perspectiva de uma cartografia das representações, nos coloca como método considerar na analítica das

---

<sup>5</sup> Derrida (1994, p. 75) chama esse protocolo de leitura interpretação performativa, uma interpretação que transforma o que interpreta.

<sup>6</sup> Tocantins (1988, p. 55), citando autor não identificado, no prefácio à quarta edição de seu livro *O rio comanda a vida*.

representações espaciais da Amazônia os seguintes componentes ou mecanismos discursivos operantes no texto-ensaio: o *locus* de enunciação diferencial; as escalas das representações espaciais; as referências espaciais das representações e os símbolos espaciais.

O *locus* de enunciação (MIGNOLO, 2003a) é resultado de uma posição estratégica do sujeito da representação. Essa posição estratégica traduz o *locus* de enunciação do sujeito da representação. Nos ensaios, esse *locus* de enunciação pode ser explicitado, localizado e corporificado, definindo uma posição geográfica, subjetiva e política, como no discurso regionalista, uma posição social e intelectual dos sujeitos de representação: como a tensão de Veríssimo e Euclides com o cientificismo positivista, ou a posição disciplinar ambígua no campo da Geografia de Moreira. Mas, principalmente os ensaístas paraenses tomam e tornam a Amazônia, como região, um *locus* de enunciação da nação, assumem a posição de “brasileiros da Amazônia”.<sup>7</sup>

Todo sistema de representação produz escalas, assim também os ensaios. A escala das representações discursivas não é análoga à escala cartográfica, pois não é geométrica e inversamente proporcional. Na escala geográfica<sup>8</sup> das representações discursivas, a escala não é uma grandeza matemática de correspondência de distâncias do terreno na carta, mas uma construção do poder que busca tornar visíveis e dizíveis lugares, sujeitos, práticas, fenômenos e processos. Assim, a escala constrói o fenômeno por meio das representações. Toda representação é uma construção estratégica de escalas; toma a construção de escalas como estratégia de poder/saber de sujeitos posicionados. Nos ensaios, está em jogo a construção de uma escala regional (Amazônia) dentro da escala nacional e mundial.

Nos ensaios brasileiros de expressão amazônica, a escala da representação é a região, como recorte, objeto de análise e de projeções políticas, apreendida num jogo com outras escalas

---

<sup>7</sup> Ibid., 1988.

<sup>8</sup> Haesbaert (2002, p. 104) distingue a *escala cartográfica* da *escala geográfica*, a primeira expressando quantidade e a segunda qualidade. A escala da cartografia das representações espaciais é geográfica nesse sentido, pois as narrativas são sempre escalares, estabelecem a escala que faz ver ou não os fenômenos que pretendem fazer ver ou não, por isso a escala regional é uma base de movimentos políticos (regionalismos) e construções de subjetividades (identidades regionais).

mais amplas ou mais restritas, pelos recursos da comparação e generalização,<sup>9</sup> recorrendo à experiência *in locu*, ao olhar direto e a textos-testemunhos. Mas os sentidos e recortes da região mudam de um autor para outro. Em Veríssimo, a região é ao mesmo tempo o recorte dos estados do Pará e Amazonas e é definida pela abrangência da rede hidrográfica dominada pelo rio Amazonas; em Euclides da Cunha, é um registro espacial da natureza e da história; em Tocantins, é uma unidade geográfica, histórica e cultural definida pela natureza, pelo tempo e pelo homem; em Moreira, é um conceito e um recorte geográfico definido por múltiplos critérios científicos: econômicos, naturais, políticos etc.

As referências espaciais são múltiplas, mas, em geral, giram em torno dos rios e da floresta, mas também de lugares e cidades, principalmente as duas capitais (Belém e Manaus), às vezes apenas nominalmente – como em Euclides –, outras vezes descritas em sua formação histórica e organização espacial, como em Tocantins e Moreira. Mas também envolvem lugares que a escala das representações define em suas particularidades, como o Baixo Amazonas, em Veríssimo, e o rio Purus e seringais do Acre, em Euclides da Cunha e Leandro Tocantins. As referências espaciais são aqueles aspectos materiais, sociais e culturais que definem e diferenciam a região nas representações dos ensaios em si ou em comparação com outros lugares, buscando estabelecer diferenças e semelhanças.

Os símbolos espaciais são em geral metáforas, categorias, conceitos ou imagens que atribuem significações ao espaço amazônico. Os símbolos espaciais da Amazônia, nas cartografias das representações dos ensaios, funcionam como dispositivos de sentidos. Em Veríssimo, um símbolo forte é o meio e a raça usados para classificação da alteridade sociocultural e espacial da região. Já em Tocantins, o rio torna-se um símbolo maior, mas também pares de objetos ou formas materiais, ao estilo casa-grande e

---

<sup>9</sup> Segundo Lepetit (1998, p. 79), a generalização é um procedimento escalar que opera por analogia, por seleção dos termos comuns e por perda de singularidade, do detalhe, da diferença concebida como secundária. Os ensaios são, desse modo, narrativas escalares (SWYNGEDOUW apud VAINER, 2006, p. 18), a escala como a “arena e o momento, tanto discursiva quanto materialmente, nos quais relações de poder socioespaciais são contestadas, negociadas e reguladas”.

senzala, de Gilberto Freyre, como rocinhas e gelosias (referindo-se à cidade de Belém), campos e currais (ilha de Marajó), serrinhas e sertões (região do rio Tapajós) etc. Em Moreira, os símbolos assumem a forma de conceitos geográficos, como paisagem, planície, por exemplo, mas também o autor recorre a metáforas, como do anfiteatro, para definir a forma do espaço regional. Em todos, os símbolos mais presentes são, de fato, o rio e a floresta, sejam vistos como meio, como natureza ou como paisagem.